

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--21 de Julho-1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



**61**



sempre  
**fixe**  
semanal  
humorística

na  
mo. Sr.  
Alvarenga  
Srito Capel



Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**C. U. F. = C. P. T.**



— Deixa-me apanhar esta *beata* do sr. Alfredo da Silva, porque o fumo não agarro eu...



## Os ditos da semana



A Semana dos Hospitais conseguiu realizar a semana dos nove dias. Dentro dos escassos sete dias da semana vulgar, da semana de todos os dias, não podia caber tanta festa.

A população alfacinha que não quer saber das tristezas desta vida e só se sente bem com musica e foguetes, deu largas á sua alegria, — menos no dia da batalha de flôres, em que se apresentou com ar de enterro — e foi esportulando a importancia dos bilhetes de ingresso nos locais reservados, para que nos hospitais não falte nenhuma comodidade moderna, porque, pelo caminho que as coisas levam, tem cada um a certeza de estar preparando o seu futuro. Um catre no hospital é uma aspiração geral, num país em que se deixa correr o marfim, em homenagem a Nossa Senhora Não Te Rales.

Aquilo foi festa rija.

No Parque Eduardo VII, por determinação da comissão das festas, houve fogo preso. Foi um dos mais atraentes numeros do programa. Já ninguém acreditava que fosse possível prender o fogo num sitio onde é costume andar o fogo ás soltas, sem consideração por ninguém. E quando os foguetes faziam — pum — toda a gente soltava um Ah! de alegria, em flagrante contraste com os antigos habitos de fazer Ai! quando a Rotunda dá sinal de si, mais ou menos pirotecnicamente.

Os festivais do Jardim Zoológico não meteram bichos. Pela primeira vez não foi ninguém ao Jardim para ver os macacos. Contentaram-se todos em ver-se uns aos outros, e era a mesma coisa. Entrou muita gente, mas os focas ficaram cá fóra a espreitar pelas grades, com pena de não terem pescoço de girafa para ver a banda de Madrid por cima da copa do arvoredo.

Logo ali junto da porta, três automoveis novinhos em folha, dentro das suas jaulas, esperavam pacientemente que o publico lhes fosse levar amendoim e pevides, sob a forma de moedas de dez tostões. Mas, caso curioso, ao contrario do que sucede com os macacos, quem comia o amendoim eram os tratadores. Um Citróen por quarenta contos equivale a uma indigestão de pevides para um chimpazé. Aquilo é que foi meter gazolina...

O cortejo foi bom. O Infante de Sagres, a cavalo num lobo marinho, arrependeu-se pela primeira vez de se ter

metido em cavalarias altas de navegação.

Mas, melhor do que tudo, foi a benção dos automoveis. Dava gosto ver a unção religiosa dos taxis e de algumas bairristas do Conde de Redondo, recebendo a benção do sr. arcebispo e aquele orvalho de agua benta que lava todas as culpas, até as dos cavalos H. P.

Foi uma cerimonia comvente. E acabaram-se os desastres de automovel. Parece que o sr. Ferreira do Amaral vai acabar com os policias sinaleiros.



Em Santarem, contam os jornais, celebrou-se uma mis-

sa precedida de procissão, para obrigar a alma duma tia a sair do corpo duma rapariga de quinze anos, a quem perseguia. Durante a missa, conservou-se a pequena imovel e de olhos fechados, o que parece demonstrar que ela não admitia a hipotese da tia lhe sair pelos olhos, e, no fim da missa, agarrou-se a toda a gente aos abraços, não se sabe bem se comovida por ter sentido sair a tia, se para impingir-lhe disfarçadamente aos circunstantes, assim como quem mete uma bola de papel, subrepticamente, por partida, no bolso dum amigo.

Entre as pessoas presentes, encontrava-se um primo da rapariga, com quem ela mantém um esperançoso derriço, que também foi contemplado com um abraço, a que poderemos chamar, com toda a propriedade — um abraço de esconjuro.

Suspeita-se que, fundamentalmente, tenha sido o primo a causa remota da comedia. Deve tratar-se duma questão de inquilinato. Era preciso que a tia saísse para que o primo pudesse entrar. A rapariga inventou assim um novo processo de despejo.

Do que não ha duvida é de que, se ela tinha a tia no corpo, tinha também o primo na alma. Depois virá o resto.



Um principe da familia imperial do Japão deitou-se de abalada até Paris, para se divertir. Chama-se laconicamente o principe Ri. E' o que se chama um principe comprimido, um principe que, para ser aclamado, não demanda o menor esforço dos seus subditos. E' um principe que se aclama como quem suspira, como quem dá um ai.

Se o principe de facto *ri* não dizem as cronicas, mas Paris deve por certo dar-lhe uma alegria que confirme o seu nome.

Feliz principe de olhinhos ao revez, que nas noites de luar do Japão divaga pelos campos, entre as aclamações dos grilos cantando: — Ri... Ri... Ri...



A linha electrica do Estoril construiu-se para atrair gente á linha de Cascais. Quem pode, alugou ou construiu uma casa, instalou-se, comprou um passe e desatou a fazer a sua vida para cá e para lá, muito senhor do seu nariz, da sua casa e do seu passe. Vai senão quando, os revisores ficam estarecidos. Ha quem passe na linha mais de duas viagens por dia. E' preciso passar a pôr cóbro áquela pouca vergonha. Quem tiver passe só pode passar uma vez para cá e outra para lá e senão passe a pagar o dôbro pelo passe ou passe muito bem indo a pé, derreado, a desfazer-se em suor, com os pés a verter sangue, como o Senhor dos Passos, que Senhor dos Passes só pode ser aquele que passe uma unica vez.

E é que vão ter que passar as passas do Algarve os que não tiverem posses para passar a pagar mais pelos passes que evitam fazer a passo de boi o passeio que vai do Terreiro do Paço a Paço d'Arcos.

## Carnet Mondain



A' saída da Igreja, duas encantadoras crianças, servindo de caudatarios, pegavam nas calças do noivo.

MARQUES XVII

## CANÇÃO NACIONAL

## Balada de Sintra

Dos mouros do seu castelo tem Sintra da antiga sorte vestígios na raça forte pelo sangue rubro, belo. Põe-lhe Flora tal desvelo nos jardins por toda a vida. A Pomona dou guarida, de Bacho tem o misterio Sintra vale um grande imperio embora esteja escondida.

Quando descem sobre a Serra as nuvens feitas num véo, é Sintra beijando o céu, é Deus a afagar-lhe a terra. No passado que ela encerra teve um Rei — farrapo humano, que o Amor e o Desengano sofreu ambos numa cela. Sintra, a grande sentinela que vigia o Oceano!

Terra onde as Margaridas, quando á noite vão á fonte, as avoncas que ha no monte e as camelleiras floridas dizem-lhes frases sentidas nos atalhos e caminhos... E a Fonte dos Passarinhos pede p'ra ela os primores... e a Fonte dos Amores vem mendigar-lhe os carinhos...

## ESTRIBILHO

Aquele que a Sintra vai, outra vez voltar promete. Se o teu bem lá der um ai! olha que o éco dá sete e pode ouvi-los o pai...

Na Matilde tens queijadas, tens na Sabuga agua fria, ao Domingo as burricadas e, p'ra fim da poesia, muita mosca p'las estradas...

## Reporter B.



—Aonde vai aquele «Papo-Séco»?  
—Vai chamar o Herbert Dias ao Modern Office para arranjar a maquina de escrever, pois é o unico que concerta com a maxima rapidez e competencia.

## Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

## Divisão de Via e Obras

## ARMAZENS

## Venda de sucatas diversas

No dia 28 de Julho, pelas 12,30 horas, na estação central de S. Bento, perante o delegado da Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de sucatas diversas.

As condições estão patentes, em Lisboa, na Divisão de Via e Obras — Armazens — (edifício da estação de Santa Apolonia), e no Porto, estação de S. Bento, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17 horas. O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito na estação de S. Bento, até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da mesma estação, ou em Lisboa até á ante-vespera do dia do concurso.

Lisboa, 2 de Julho de 1927.—O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

## A fruta pôdre

Quando D. Magnifica da Purificação Catita abandonou o seu lugar de hortaliça para, na companhia de seu esposo e filha, começar a frequentar a sociedade, o primeiro pensamento que teve foi casar a pequena com um desses viscondes arruinados que enxameiam os salões outrora pisados pela alta sociedade e hoje visitados na sua maioria pela sociedade que antes da guerra vendia peixe, hortaliça e fruta pelas ruas da Baixa. A Alta baixou e a Baixa subiu!

A Claudia, nome do rebento de D. Magnifica, no fim dum ano já tinha namorado 35 rapazes e trocado com eles centenas de beijos, perante a vista benevola do pai e o sorriso misterioso da mãe.

A fruta—como dizia D. Magnifica, lembrando-se sempre do seu antigo mister—continuava, porém, verde e em completo estado de conservação, não obstante diversas mãos masculinas a terem apalpado e algumas bocas saboreado.

O tempo passou, os viscondes reavavam dia a dia, não havia ninguem que se aventurasse a comprar tal fruta, não porque ela não fosse apetecivel, mas p'ra todos recoarem o genio da vendedeira, cujo rôsto picado das bexigas infundia mais respeito que as barbas do sr. Ferroira do Amaral!

Tal abstenção irritava D. Magnifica, ambiciosa de possuir um genro, ainda mesmo em segunda mão, para poder mostrar a todo o mundo que, se como ex-vendedeira na Baixa

fazia um figurão na Alta, como extremosa mãe era capaz de ser boa sogra.

A pequena, conhecida nos salões como a «Rainha Claudia», não em piada á mãe por esta ter vendido fruta, mas porque na realidade era uma autentica Rainha de Beleza, embora não tivesse concorrido ao concurso do *Diario de Noticias*, sem moderar os seus impetos amorosos, continuou a nomorar todos os rapazes a quem era apresentada. Dando-lhe os pais uma relativa liberdade, passeava, jantava nos restaurantes e ia aos cinemas com eles.

Apaixonada por todo o desporto, preferia namorar os que montassem bem, como os principais interprotos dos filmes americanos.

O hipismo foi a sua perdição. Um dos namorados presenteou-a com um cavalo, afirmando-lho ser de puro sangue, o que foi contestado por uma pessoa entendida no assunto, que disse que ele era de sangue impuro.

Num montar constante, adoceu e definhou tanto, tanto, que, quando D. Magnifica deu por tal, a pobre da «Rainha Claudia», outrora tão apetecida, era rejeitada por todos!

E hoje, no seu palacote duma das Avenidas Novas, D. Magnifica da Purificação Catita chora dolorosamente o imperdoavel desaire de ter deixado apodrecer a fruta que criara e que na verdade não passava do fruto dos amôres com um primo de seu esposo!

Rocix.



—Que foi isso? Fôste atropelado?

—Não, andei a vêr as montras.

**!! Não queira ficar assim !!**

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8\$00

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D.-Lisboa



## COISAS DE HOJE

—Mas quem repare bem algumas coisas ha de encontrá-las pelos tribunais...

Via Sacra — Raposo de Oliveira.

Os clubs cheios, e não ha dinheiro: mulheres pint. das com galãs ao lado, gira a rolêta e, muito ombragado, um visconde de luneta, galhofoiro, conta o ultimo escandalo do Chiado.

Que mundo irreal — feérico brasileiro!

Os clubs cheios e não ha dinheiro: dança-se, berra-se, o jazz é um brado; canta-se, bebe-se e, desengonçado, cada corpo é um boneco. Verdadeiro inferno de luxo — vicio requintado!

Que gente aquela! Cada mercieiro!

Os clubs cheios e não ha dinheiro: luz de Montmartre num clarão alado, o charleston — divino ombragado — pula na orgia. A banca sem banqueiro. Nisto entra a policia. O brilho doirado logo se transforma em luz de candieiro...

Tudo gente séria. Muito retrozeiro. Mas quem é aquele? E' um tipo honrado,

novo-rico audaz, muito viajado, que já foi criado, que já foi cocheiro. Vão-lhe lá falar no seu escuro passado!

E os clubs cheios — mas não ha dinheiro.

Jorge Ramos.

(Do livro em preparação: «Miss Blague»).

## Camara Lima... e "um rapaz infeliz"

Camara Lima, velho amigo e velho humorista, escreve-nos para dizer que a anedota ha dias publicada no *Sempre Fize* tinha sido contada por ele, ha um ano, no A. B. C. e que fazia parte dum livro que tencionava publicar e donde a mandou suprimir. Não diz Camara Lima que a anedota fosse da sua autoria, embora o velho escritor tenha talento para as inventar ainda melhores, e isso basta para que a nossa consciencia fique tranquila com a certeza de que não cometemos, embora involuntariamente, um roubo. E dizemos involuntariamente porque ha oito anos que a anedota em questão nos foi contada.

A proposito, elucidaremos o nosso velho amigo de que a anedota do *Sempre Fize* não é mais do que a reprodução duma anedota destas que se contam ás mesas do café, já conhecida de algumas pessoas, mas não de toda a população de Portugal que lê o *Sempre Fize*, na qual ha de haver uma percentagem de pessoas, embora pequena, que, como nós, não tenha lido Camara Lima no A. B. C. A essa reduzida percentagem, que tambem é gente, se destina a nossa anedota.

Em todo o caso, se nós tivéssemos conhecimento de que Camara Lima a inseria no seu proximo livro, não nos haveriamos servido dela, porque isso representaria uma especie de pequena traição que não está nos nossos hábitos, nem pode estar nos nossos intantos para com um velho amigo. Camara Lima bem sabe que o *Sempre Fize* é incapaz de atacar quem quer que seja.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

«SEU mulato» faz festa... Tanto basta... E que festa... Vejam «mininos»...

O que ha de bom: Adelina, a grande-pequena Adelina e o respectivo Sacramento vão *episodiar dramaticamente*. «A anedota», de Marcelino Mesquita; depois a juventude eterna da nossa querida Auzenda de Oliveira com o actor-jornalista-tradutor Carlos Abreu representarão a comedia desse bom e generoso Paulo Barreto (João do Rio), que já morreu, e que se chama «Que pena ser só ladrão»!

Como se isto não bastasse, seu Gerardo preparou um fim de festa em que devem entrar: (Calculem!)

Luiza Satanela, Adelina Fernandes, Teresa Gomes, Zulmira Miranda, Maria Soler, Margarida Ferreira, Nascimento Fernandes, Carlos Leal, Rafael Marques, Silvio Vieira, Alves da Silva, Costinha, Santos Carvalho, Alvaro de Almeida, Aurelio Ribeiro, Tomás Vieira e a celebre «Foz Melody Band».

Como se isto ainda não bastasse, aquele grande macucão do Gerardo (com grande favor) organizou um grandioso certamen de fados, em que a canção nacional será cantada e tocada pelas artistas Isabel de Sousa, Maria Emilia Ferreira, Maria do Carmo, Julio Proença, Joaquim Campos, Martinho de Assunção, Armandinho, Mota Gonçalves, Armando Silva, Mademoiselle O. R., Carmo Dias e Abel Negrão.

Ahi seu moço! Isto não é um programa para uma noite, é um programa para uma semana! A que horas acabará este espectáculo? E se o cabo Maia, que com tanto exito se estreou, no domingo, no Maria Vitoria, estiver no teatro? Cantará tambem o fado ou meterá tudo na cadeia?

Esperemos pela noite de 26...



A questão Ilda Sticini-Alexandro de Azevedo teve um ponto escuro... O motivo principal foi a divisão do uri preto, que era criado de Alexandro de Azevedo. Sticini reivindicou a sua posse com quantas forças domesticas e dramaticas possuia. O preto, ontro os dois brancos, não sabia para que lado se voltar. Por ultimo, entregou-se á interprete co Se eu quizesse, dizem:

— Tudo quanto a sóra quizer, menos andar sem sobretudo...



NOS *Miscavéis*, o publico aplau-



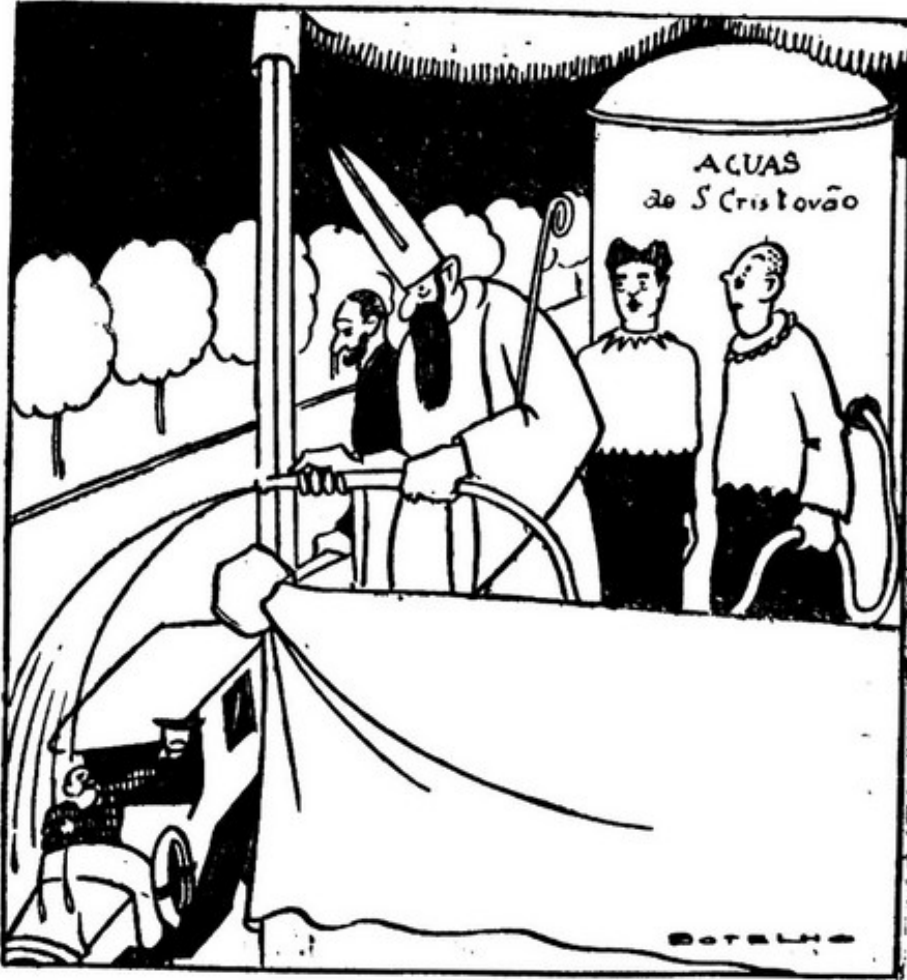
### Os três principais miseraveis da Casa de Garrett

diu com entusiasmo. Os artistas agradeceram. Berta de Bivar, que estava morta em scena, ressuscitou e, muito comprometida com o milagre, que não era da peça, agradeceu, comovida, as aclamações que estrugiam...



A *Madragoa* tem um final esplendo-

## ESPIRITO PRATICO



Só assim foi possível benzer todos os automoveis

rido. Ha uma apoteose sacra e outra maritima. Nesta aparece um barquinho ensaiado com as ondas uma tempestade seriissima.

O barco é excessivamente simbolico. Será uma pretexto para a actriz Ester Leão suicidar a varina?



A companhia Cremilda de Oliveira vem para o F. z.

Aquela calçada da Gloria é tão ingreme de subir... Que o diga o Emauz!



HA mais sete peças populares em reparação.

Todas bairristas. Ele é barro!



O *Sr. Dr. e o seu marido* está sendo representada em Portugal e no Brasil.

Como é uma peça de saias, va' a toda a parte... Não pode estar quieta em parte nenhuma.



MARIA Matos, na sua festa artistica, teve um bom successo... Felicitamos a actriz! A criança é do sexo masculino ou feminino?



O actor Erico Braga está trabalhando muito.

Não será demais para um empresario?



O estudioso actor Antonio de Melo anda muito desanimado. Não com o teatro, onde ganha bem e não trabalha mal. Mas com a vida.

Quere ir para a Africa administrar uma circunscriçao.

Quem é que o poderá circunscrever dessa terrivel ideia?



ESTAO agora em moda as peças de titulos hermafroditas.

Primeiro foi a *Mulheres-Homens*. Agora é a *Maria-Rapaz*.

Para quando o *José do Egipto*?



O Amarante lembrou-se agora de que podia fazer revista e meteu um carregamento de *agua-pé*, no Avenida. O liquido é fornecido pela conhecida firma «Irmãos Unidos».

Quem será o papá de tantos e tão bondosos nenés?

O Homem das 5 horas

# Fitas faladas O vinho e a zoologia

## ou as metamorfoses da bebedeira

«A embriaguês é incompatível com a função de guarda da segurança publica, porque todo o homem que se embriaga se assemelha, nos seus actos, a três animais: ao macaco, ao leão e ao porco, o que o torna ridiculo, perigoso e desprezível; e, como um guarda não pode nunca ser ridiculo, nem perigoso, nem desprezível, são por este meio convidados os poucos viciosos do alcool que ainda estão na corporação a pedirem a sua demissão, a fim de que a ordem da Policia de ixe, de vez, de mencionar castigos por embriaguês. Cada guarda deve saber com cuidado a quantidade de vinho que o pode transformar num macaco, num leão ou num porco.»

(Da Ordem do Comando da Policia).



Como é leão, ou porco, ou é macaco  
Aquele que se entrega á bebedeira,  
O guarda mil e trinta da terceira  
Abandonou o seu antigo fraco.

Mas o dois mil, de entendimentó opaco,  
Continua a beber, de tal maneira  
Que só quando não pinga na torneira  
A boca fecha ás libações de Bacho.

O mil e trinta, agora triunfante,  
Exclama, se o colega vê de bórco:  
«— Que figura tu fazes, meu casmurro!

«Quem bebe, diz o nosso comandante,  
«Ou é leão, ou é macaco, ou porco!»  
Responde a outro: — «E quem não bebe é burro!»

S. L.

TAC-TAC-TAC

## A Musa de hoje

Musa amada! — exclamei — Vem cêlere a meus braços,  
Enlaça-me febril em teus lúbricos braços!  
E dá-me a tua boca, ardendo em febre louca,  
No beijo inspirador, que pede a minha boca!

Musa linda e risonha, a mim! nesta hora triste  
Em que o Tédio invadiu em gris tudo o que existe  
Por sobre a terra, outr'ora em flôr, de Portugal!  
Vem depressa curar o grande e estranho mal  
Que o peito me escurece e a mente me apoquentá:  
Dá-me o riso triunfal!...

Mas, logo, no horisonte,  
Vi surgir a visão duma Bruxa bífrente,  
Num repugnante esgare de velha rabujenta,  
Numa das magras mãos um cabo de vassoura,  
E agitando, na dextra, uma enorme tesoura.

A Musa, que eu chamara, a tratos com a Censura,  
Transformara-se assim naquella creatura  
Que batia a dentuço em ar de castanholas!...

Vão lá ter graça com uma destas...  
Ora, bolas!

Cirano de Velhofrac.



## O MELHOR BIFE

Já o Mota estava sentado á mesa do restaurante, quando entrou o outro. Os lugares achavam-se quasi todos ocupados e só na mesa do Mota havia um talhor sem ninguem.

—Dá-me licença que me sente aqui, ou o senhor espera alguém?

—A's suas ordens, respondeu o Mota, com o melhor dos seus sorrisos; porque o Mota tinha-se na conta de pessoa fina e muito delicada, apesar da sua cara de estúpido. O outro mediu-o de alto a baixo, franzindo o sobr'olho, com o ar de quem diz com os seus botões:

—Que me dá ter de almoçar ao é deste selvagem.

Efectivamente, applicando a teoria de que todos os que teem cara de estúpido são estúpidos e que, dos que a não teem, metade estúpidos são também, o Mota, por ambas as razões, devia achar-se abrangido pela teoria.

Como, porém, a pressa era muita, o outro teve de resignar-se.

Quando o criado appareceu com a lista, os dois disseram em côro:

—Eu tenho muita pressa, rapaz...

O criado, que logo compreendeu tratar-se de dois fregueses que não se conheciam, tratou de os pôr á vontade, para se livrar de maçadas:

—Se os senhores quizessem o mesmo almoço, podia vir tudo junto. Era mais rapido...

—Ótimo, exclamaram outra vez os dois em côro. Eu por mim não me importo.

Feito o menú, aquilo foi um instante.

O Mota comia desalmadamente, servindo-se sempre do melhor bocado, sem consideração nenhuma pelo outro conviva, porque as suas delicadezas terminavam apenas surgia um prato de bacalhau com batatas. O outro fazia-se vermelho como os pimentos do arroz á valenciana, mas, por decoro, lá se ia resignando, até que, na altura dos bifés, já estava sobre brazas.

Sem mais contemplanções, o Mota atirou-se ao melhor bife, deixando para o eventual companheiro um bife que era uma vergonha, pequenino, enfiado, todo anquiado de nervos, como uma menina da Baixa. E quando o Mota já ia passando desta para melhor a primeira garfada, o outro explodiu:

—O senhor é muito malcreado!

—Eu? Mas porquê?

—Ainda me pergunta porquê, depois de se ter servido do melhor bife?...

—E que é que isso tem, inquiriu o Mota, estupefacto.

—Que é que isso tem, seu grosseirão? Tem que o senhor se serviu do melhor bife. E' só isto.

—Ora esta, continua o Mota, sempre intrigado. Mas, se fosse o senhor o primeiro a servir-se, o que é que fazia?

—Servia-me do pior, do mais pequeno, do mais ordinario.

—Ora essa, pois então ahí o tem. Que mais quer? Para que é tanto barulho. Sempre ha gente muito estúpida. Pois esse é justamente o pior.

## A capa do «FIXE»

O Sempre Fixe, para ser agradável aos seus leitores e assinantes, que por mais de uma vez teem manifestado desejos de encadernar a preciosa colecção, com o fim de evitar que o tempo a destrua, fiado no velho ditado—quem tem capa sempre esca—resolveu pôr á venda brevemente uma magnifica capa illustrada por Francisco Valença, que será fornecida nesta redacção a quem a requisitar, logo que termine a sua impressão.

O Tivoli, disposto a reabilitar os programas estivais, exhibe desde segunda-feira *Uma Estreia Auspiciosa*, que foi, de facto, uma dita idem.

A comedia da *Producers Distributing Corporation* produziu em nós o efeito duma oarapinhada absolutamente siberiana, depois do calor que nos fez ver *Maciste*, com as suas caricaturas de bipode de quatro patas.

Vera Reynolds que, apesar do nariz arrebitado e da boca de carranca, é daquelas a que os americanos do *New-Lisbon* chamam a *true great fish*, soube dar á *Primerose* um tão gracioso geito que um critico di lá, entusiasmado, chamou-lhe, familiarmente... *malandrinha*. E' preciso representar muito bem para se fingir que se representa tão mal. A scenaxibição dentro do automovel do empregario—que, apesar de ser o *George Walsh* por uma pena, não passa do sr. *Edmund Burns*, que o Tivoli já viu no *Tio Goriot*,—e a scena do falso alarme no *music-hall*, bastam para consagrar uma artista na tela.

*George K. Arthur* não esteve á altura que a imprensa estrangeira nos tinha feito esperar, talvez porque o *Alberto* tinha que fazer figura de urso. *Ethel Clayton* e *Zazu Pitts* já são das nossas relações. A primeira presta-se muito bem á scena do atropelamento, que é um autentico clou. Emfim, á parte as beijocas em *gros-plan*, o romantismo *made in U. S. A.*, tresandando a *chewing-gum*, e os artificios dogmaticos do *Além-Atlantico*, a película é, em qualquer parte, uma verdadeira *estreia auspiciosa*.

\* \* \*

*Henri Diamant-Berger* é, nem mais nem menos, aquele cavalheiro que se abalançou a encenar a trilogia de *Dumas*, *Pai*, quando o cinema ainda não dispunha dos recursos de hoje; e embora tenha encalhado no *Visconde de Bragelonne*, não era difficil vaticinar-lhe futuros triunfos de oitenta carates. Pois, embora pareça mentira, o homensinho deu em realizar filmes de modas... e bordados, que outra coisa não é a *Rue de la Paix*, a que o tradutor deu um titulo híbrido, meio português, meio francês, que vale a pena transcrever: *A Rua de la Paix!*

Os modistas nunca tiveram uma ocasião assim para colaborarem no cinema. Os principais interpretes são os vestidos de *Drécoll*, os chapéus de *Gréco* e o calado de *Raoul*. Como o paciente *Starewitch* não colaborava, foi preciso recheiá-los com a *Andréo Lafayette*, que arranjou um penteado modelo... a *demandar peu*. A *Suzy Pierson* coadjuva a lide feita ao *Malcolm Tod*, de que é intelligente o *Léon Mathot*, que aqui se chama *Ally*, embora não pareça. *Armand Bernard* e *Jules Moy*, ambos irresistiveis no comico dos seus papéis. O conjunto é elegantissimo, com decorações de *Jacquelux*, que está mesmo a dizer: *que luz!... que luz!...* O argumento é todo em *crêpe georgette*, *couleur d'âne quand il fuit*, *avec garnitures même ton*.

Retardador.

Sortes grandes?  
só o PINA as vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77





# O Presidente da Associação de Foot-ball reuniu sósinho

O Pentatlo Moderno constituiu indiscutivelmente o mais sensacional acontecimento desportivo dos ultimos tempos.

Com o seu nome claramente indistincta, trata-se duma prova bastante mixta, de caracteres complexos:—loteria, humorismo, quebra-cabeças e inversão.

Note-se que mais justo seria chamar-lhe *Hexatlo*. Porque além das cinco competições da tabela, ha uma sexta prova de algebra e calculo para os concorrentes determinarem o seu lugar na escala da classificação.

Os favoritos eram Mascarenhas de Meneses, Mario Garcia e Antonio Soares.

Mascarenhas, como era o melhor esgrimista do lote, não ganhou a esgrima.

E Mario Garcia, para quem a prova hipica era *dinheiro em caiza*, ficou ultimo, num magnifico cavallo de carroça.

Antonio Soares—a figura mais popular da competição—foi o unico que se não deixou bater na sua especialidade.

E no fim, o Pentatlo foi ganho por um rapazinho modesto, com horror ás primeiras classificações, e que veio confirmar que—o *calado é o melhor...*

\*\*\*

O relatório apresentado pela ultima gerencia da Associação de Foot-ball de Lisboa traz uma lista de pre-

senças ás reuniões semanais da direcção, para prova da assiduidade dos dirigentes directivos.

A saber:

Luis Placido de Sousa .....	53
Mariano Coelho .....	52
Henrique Prazeres .....	49
Alvaro Rotamosa .....	48
Mariz Fernandes .....	47
Ricardo Ornelas .....	49

O novel jornalista Herminio de Oliveira, tendo passado os seus perspicazes olhos pelos numeros acima concluiu rapidamente:

—E' curioso! Houve uma vez em que o Presidente reuniu sósinho!

\*\*\*

O tri-semanario *Os Sports*, desde que passou a propriedade do *Diario de Noticias* e a ser dirigido pelo dr. Beirão da Veiga entrou numa fase brilhante de propaganda, de ensinamentos e de proselitismo.

Actualmente, a questão vital que *Os Sports* está tratando com uma continuidade e um carinho dignos dos maiores louvores—é um inquerito ás prodições aproximadamente desportivas de alguns actores e actrizes.

Nestas ultimas, ha quasi unanimidade de vistas sobre o hipismo. Pelas respostas publicadas se verifica que quasi todas preferem montar.

Nos homens, variam as respostas. A de Armado de Vasconcelos é

ansiosamente esperada. Ha quem diga que ele vai declarar preferir a pesca. E muito especialmente aquella modalidade nocturna deste desporto, que se chama:—a *pesca ao candeio*.

\*\*\*

Regresou ha dias a Inglaterra aquele nunca assás celebrado team profissional do *Swansea Town*, que andou pelo continente a divertir os aficionados do *shoot*.

Do balanço das exhibições que fez em Lisboa, em Espanha e em França, resultou apenas o seguinte activo:

Um *avançado centro*, genero canhão 42, mas com as alças de tiro desapparecidas.

Um *center-half* que, em Lisboa, no encontro com o *Sporting*, se apresentou convenientemente conservado em *whisky*, passeando no campo com todo o ar feliz dum bebado profissional.

E mais nove latagões, que tanto podiam ser profissionais do *shoot*, como profissionais de descarga nas docas de Cardiff.

O balanço : ao deu mais nada. Perdão! No *passiro*, em Lisboa, deu um prejuizosito de trinta e tal contos...

Não foi caro!

\*\*\*

Maurice Prax, no *Petit Parisien*,

escreve, sobre as travessias aereas do Atlantico:

«Ha uma coisa que diminue sensivelmente de ha trinta dias para cá. E' o Atlantico.

«Era, no mês passado, uma imensidade. E' hoje uma imensidade muito reduzida. Um dia virá em que não haverá mais imensidade.

«Todos nós temos muita imaginação. Somos contudo absolutamente incapazes de imaginar agora o que será, dentro de cem anos, a navegação aerea.»

Decididamente, ha imbecis em toda a parte...

Este sr. Prax, se continua a filosofar com tal profundidade, ainda chega á conclusão sédica de que os aviões hão de aterrar na Europa antes de ter partido da America.

\*\*\*

Discutiam-se, no Martinho, as ultimas provas de atletismo.

Uns preferiam, no disco, o Garnel. Outros optavam pelo Cardoso.

Um cavalheiro respeitavel que estava numa mesa proxima inquiriu, com grande curiosidade, dos nomes.

—Não conheço! Nos discos, a ultima novidade que eu mais aprecio são os fados do Menano.

## Rebola-A-Bola.

melhante á nossa. Naufragara o navio em que viajava para Pelotas com a esposa e, nadando, alcançaram aquella ilha. Ali estavam ha 108 anos, antes do Cristo.

«Uma terrivel enfermidade das vias ordinarias provocara-lhe uma febre granulosa, salvando-o a mulher no momento em que já deixara de respirar. Esta, resolutamente, fez-lhe um furo num ombro, ao qual applicou uma chaminé. Acto continuo, o doente começou a respirar e a verter aguas-livres.

«Apresentou-me a mulher, a quem Parca tambem perseguiu.

«Uma noite, estando a dormir, acordou, pretendendo proferir palavras, mas da garganta apenas saíam rugidos ininteligiveis. O marido, acendendo a luz, ficou petrificado. Do céu da boca pendia-lhe uma farta trança de cabelo. Explicou o velho que ela sempre f'ra dotada de muita força capilar.

«Quanto ao campanario, disse-me que já ali o encontrara e que o sino dá pontualmente as horas quotidianamente, todos os dias, sem se saber quem mexe no badalo.

«Atribue o velho ao espirito dum sujeito que ali viveu, chamado Baptista Dinis.

«Ofereceu-me a sua casa, dando-me um cartão de visita, no qual li estas palavras:

LIM-PO-PO

Domador de serpentes congestionadas

Ilha da Solitaria.

(Continua).

## JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'eucaliptos na Jamaica

(Romance d'aventuras antitipicas)

Original de M. A. Coco Velho

### Capitulo V

Jorge, após um sono reparador, acordou ás 3 da madrugada. Embora tivesse perdido o relógio, ficou sabendo que eram aquelas horas por ter ouvido três badaladas, sonoras, cantantes, ferro-viarias, bronzeadas. Concluiu que na ilha havia um relógio e portanto alguém para lhe dar corda.

Pelo cerebro passou-lhe uma faísca de alegria e sem detença pôs pés a caminho. Entretanto, Mademoiselle Plissé acordava e, olhando em redor, notou a ausencia do seu companheiro de infortunio.

—Estou só no mundo, proferiu a joven, limpando as lagrimas a uma folha de Flandres e espraivava o olhar triste pela linha ferrea do horizonte. De subito, as suas melgas pupilas do sr. Reitor, foram agradavelmente surpreendidas pela presença de uma embarcação á vela d'Erbon.

Um pensamento libertario passou-lhe pela mente e, num impulso, bastante legionario, arrancou duas canas da Madeira, atando-lhes nas extremidades uns farrapos de pano

branco, á guisa de bandeira de Melo, que resolutamente havia hipotecado da frakda da camisa. Em seguida, enterrou uma ro solo e a outra no ridge.

Mas, oh! ironia do Destino! Uma tempestade que se desencadeou apagou a vela que a boa vista á lapa da inditosa senhora tinha lobrigado. E a esperança, que durante minutos alvorouça aquelle coração inexperiente á luta greco-romana desfez-se como uma carapinhada de pécego-careca.

Os passarinhos, assustados com o ribombar do trovão, passavam velozmente, a piar com desespero. Um raio de luar faiscou perto de Mademoiselle Plissé, que tremeu, tremeu e caiu silenciosa.

### Capitulo VI

Jorge, de volta das suas pesquisas, veio encontrar a infeliz dactilografa numa feia posição, como se lhe tivessem applicado um golpe de Raku p'r'o ar. Aproveitando-se dos seus largos conhecimentos de electricidade familiar, applicou á pobre senhora alguns passes magneticos e algumas tintilações na bola esferica. Momentos depois, Mademoiselle Plissé envesgava o olhar mortico ao seu companheiro, preguntando-lhe:

—Onde estou eu?

—Na ilha X, respondeu Jorge, fazendo um cigarro de tabaco francês e sentando-se numa pedra preciosa. A dactilografa, já mais composta cabeça e rabo, inquiriu de Jorge o motivo da sua ausencia. O electricista prontamente satisfez o desejo da sua companheira, referindo-lhe o seguinte:

—A três kilometros daqui, ha uma pequena capela com o seu campanario e respectivo sino. E' invisivel do lugar onde estamos, por se encontrar separado de nós por uma espessa mata.

«Eram três da madrugada quando acordei, ouvindo o bronze tanger ao longe. Conclui que na ilha havia mais alguém, quanto mais não fosse um sineiro.

«Fui. Atravesei a mata com dificuldade, porque os encaustos, muito juntos, quasi não davam passagem, obrigando-me por vezes a fazer uma paragem-zona.

«O que me valeu foi que das arvores pendiam cachos de pastilhas de eucaliptos. A meio da mata, passuo, correndo, um caseiro, mamifero em fórma de cifrão. Mais adiante uma lagarta. Quasi no extremo da floresta, um coelho de carvalho atravessou, vagarosamente.

«Passada aquella barreira vegetal, deparou-se-me uma capelinha branca, pintada a Ripolin, inalteravelmente.

«A' porta, sentado, estava um velho que ostentava umas longas barbas de milho, tendo colocado no ombro esquerdo uma chaminé pela qual saíam pequenos rôlos de fumo. Fiquei paralitico dos pés. O velho, compreendendo o meu assombro e p'ra me pôr á vontade, sorriu, saudando-me com o pé atrás. Avancei para ele. Estendeu-me a mão de nabos, oferecendo-me um banco de Portugal.

«Não ousava interrogá-lo, porém o microbio referiu a sua historia, em francês do Berlitz, perfeitamente so-

# Do madrigal á grosseria



**Ontem**

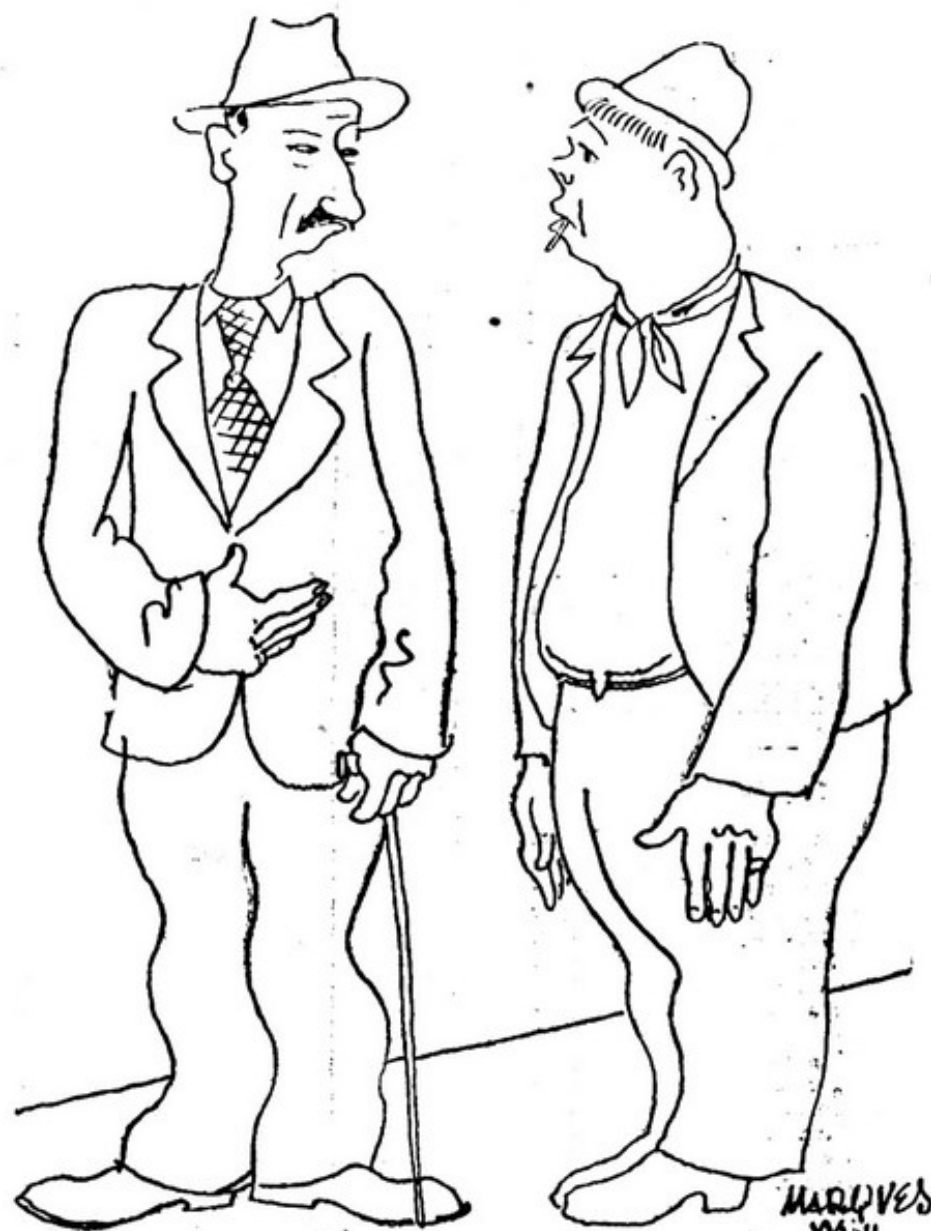


**Hoje**



— Eu já preveni V. Ex.<sup>a</sup> de que não pode fumar aqui.

— Admira-me muito que um bombeiro não possa suportar o fumo.



— Tu sabes qual é o dia do ano em que os sineiros não desafinam?

— Ora, é o dia 2 de Novembro, em que todos tocam «afinados»...

MARQUES  
XXVII